

# QUEM CONTROLA O PETRÓLEO?

JOSÉ ARBEX JR.

George Bush se meteu num pântano sem fim no Iraque. Suas tropas não podem permanecer no país, pois todos os dias morrem soldados estadunidenses (já são cerca de 3.000 baixas), o que ressuscita o fantasma do Vietnã. A situação tende a piorar, graças à desastrosa aventura israelense no Líbano, que aproximou xiitas e sunitas em torno do apoio ao Hezbollah. Mas Bush não pode sair do Iraque, pois isso implicaria, na prática, entregar o controle do petróleo aos xiitas, que teriam o Irã como aliado natural. Seria o pior dos pesadelos.

Bush júnior assumiu a Casa Branca, em janeiro de 2001, com uma clara missão: resolver o problema da vulnerabilidade do império no setor energético. Um relatório apresentado pelo vice Dick Cheney, no início de sua primeira gestão, indicava que, em 2020, os Estados Unidos teriam que importar 45 por cento do total da energia utilizada pelo país, se as taxas de consumo permanecessem estáveis. Porém, com um crescimento médio do consumo à taxa anual de 1,8 por cento, em 2015 os Estados Unidos terão que importar 20,8 milhões de barris por dia (mbd) para um consumo de 25,7 mbd, ou seja, algo como 81 por cento de suas necessidades. As reservas estratégicas do país (isto é, a quantidade de petróleo bruto disponível em seu território) dariam para três anos de uso, descontada a hipótese de se iniciar a exploração do Alasca, considerada fora de questão pela Academia de Ciências dos Estados Unidos, pela tragédia ambiental implicada.

## A CARTADA DE BUSH

O atentado de 11 de setembro de 2001 apenas deu a Bush o pretexto para colocar em marcha a estratégia neoconservadora. A invasão do Afeganistão, em outubro de 2001, e a do Iraque, em março de 2003, nunca teve nada a ver com a "guerra ao terror", mas sim com a questão de saber quem controla as reservas de petróleo do mundo. Ambos os países, por mera coincidência, estão estrategicamente situados na região mais rica em petróleo do planeta. Embora o Afeganistão não seja grande produtor, seu território é rota obrigatória para qualquer oleoduto destinado a abastecer a Europa.

Ao invadir o Iraque, Washington jogou uma cartada decisiva. Tratava-se de uma tentativa de controlar diretamente o país que detém as maiores reservas de petróleo depois da Arábia Saudita e do Irã. O controle direto era uma necessidade imposta pelo fato de Saddam Hussein ter-se provado um aliado confiável apenas até certo ponto, como demonstrou, em 1990, ao invadir o Kuwait por conta

própria, movido por suas próprias ambições, ou ao ter considerado a hipótese de negociar o petróleo de seu país por euros, ameaçando a estabilidade do dólar como moeda internacional. Além disso, Washington já não podia se fiar totalmente na sua outra aliada histórica, a monarquia saudita.

Apesar da sólida relação de subserviência da monarquia saudita para com a Casa Branca (que incluía relações íntimas de amizade com a família Bush), as agitações políticas internas tornaram os sauditas parceiros pouco confiáveis. A monarquia, por exemplo, não se sentiu com força para permitir que o seu território fosse usado por Washington como base para a invasão do Iraque, por temer que a situação política do país explodisse, escapando ao seu controle. A eventual queda da família real implicaria uma guerra civil no país, ou mesmo a aliança do eventual novo governo com grupos hostis à Casa Branca.

A invasão do Iraque foi vista como uma possibilidade de atenuar as conseqüências de tamanho desastre, e ainda assegurar a presença de tropas na fronteira saudita, em caso de necessidade. Além disso, a imposição de um governo fantoche em Bagdá teria o significado de um golpe contra a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). Desde sua fundação, em 1960, no quadro do movimento mundial de lutas anticolonialistas, a Opep foi encarada como um distúrbio indesejável pelas "sete irmãs" (Exxon, Chevron, Gulf – agora parte da Chevron, Mobil, Texaco, British Petroleum e Shell). Em 1973, o cartel provou sua capacidade de criar problemas no cenário mundial, com o famoso "choque do petróleo", que, em questão de semanas, triplicou o preço do barril.

## A MÃO DE REAGAN

Nos anos 80, a guerra sangrenta entre dois dos mais importantes Estados membros da organização, Irã e Iraque, jogou um importante papel no sentido de seu enfraquecimento. Ao fomentar a guerra, com a ajuda interessada do aliado Saddam Hussein, o então presidente Ronald Reagan queria matar dois coelhos com um só golpe: conter o ímpeto da revolução iraniana de 1979 e colocar a Opep de joelhos. Encerrada a guerra, o mesmo Saddam invadiu o Kuwait, oferecendo a Washington um novo pretexto para outra ofensiva na região, com o objetivo de controlar os preços do petróleo no mercado mundial.

Mediante uma política de sanções, alianças e ameaças, a Casa Branca manteve a Opep paralisada ao longo dos anos 90. Os preços do barril

caíram lentamente, até chegar ao limite de 11 dólares, em meados do ano 2000, assim contribuindo para manter a estabilidade econômica necessária ao desenvolvimento da globalização do capital. O quadro mudou com a vitória de Hugo Chávez. O novo presidente venezuelano insistiu na idéia de que a organização deveria recuperar a sua liderança no setor, e convocou uma reunião dos chefes dos Estados membros, realizada em Caracas, em setembro de 2000, para decidir uma política de controle da produção, que fixou o preço médio praticado num limite situado entre os 22 e os 28 dólares o barril. A atitude do presidente venezuelano foi decisiva para que a Casa Branca acelerasse os preparativos do fracassado golpe de 2002.

Nesse contexto geral, a invasão do Iraque surgiu como uma idéia brilhante ao bando que dirige a Casa Branca. O Iraque tinha capacidade de produção suficiente para influenciar os preços no mercado mundial, independente da Opep. A presença direta de tropas garantiria aos Estados Unidos o total controle de suas reservas, além de "manter a ordem" nas fronteiras com o Irã, Arábia Saudita e Síria. Bastaria, portanto, tomar Bagdá para que tudo fosse colocado em seu devido lugar. Mas algo escapou aos planos: a heróica capacidade de resistência demonstrada pelo povo do Iraque. Em poucos meses, os brilhantes planos foram transformados em opacos pesadelos. Os soldadinhos de Bush não conseguem estabilizar a produção do petróleo iraquiano, os preços do barril dispararam no mercado mundial e a Casa Branca não sabe o que fazer para sair do caos.

Em janeiro de 2006, Bush convocou um batalhão de assessores (atuais e antigos) para delinear uma estratégia para o Iraque. É perfeitamente lógico e até óbvio supor que o desastroso ataque israelense ao Líbano tenha surgido como um plano do sinistro convalesce de "especialistas". Os aliados israelenses destruiriam o Hezbollah, imporiam um governo fantoche no Líbano (sonho de Ariel Sharon, em 1982) e preparariam as condições para uma ofensiva contra o Irã e, se necessário, também contra a Síria. Dessa operação nasceria "um novo Oriente Médio", como adorava dizer Condoleezza Rice, no início do ataque israelense.

Deu tudo errado.

E quem controla o petróleo? 🗿

José Arbex Jr. é jornalista.